

Silvia Boadella

A pele da alma

Tradução
Kristina Michahelles

Silvia Boadella

A pele da alma

Sobre nascer e morrer

Romance

1ª edição 2014, Arbor Verlag, Freiburg im Breisgau

© Silvia Boadella

Original em alemão: Die tragende Haut.

Ilustração da capa: Sophie Taeuber-Arp: Composition à motifs d'oiseaux, 1928 Foto: Peter Schälchli Portraitfoto: Christine Kocher.

Citação do Livro da chegada à luz traduzida a partir de uma versão em inglês de David Boadella.

Citação de Djalal ad-Din ar-Rumi, *Além de todas as ideias*: traduzida a partir da versão em inglês de Coleman Barks.

Nasci nas águas primevas
antes mesmo de existir um céu para respirar;
antes de existir uma Terra para ficar em pé;
antes de existirem morros no horizonte.
Nasci antes de existir qualquer coisa para combater.
Nasci antes de existir algo para temer.

Do livro egípcio Pert em Hru (Livro da chegada à luz)

O chamado

Prenúncio

O telefone toca. Atendo e escuto uma única palavra: “Venha!” É Monica. Sua voz chega até onde estou, na nossa casa da região dos pré-Alpes, de uma clínica psiquiátrica distante.

Devo mesmo ir? Só porque ela disse: “Venha!”, desligando logo em seguida? Minha cabeça ainda hesita: talvez devesse ligar para a clínica e descobrir primeiro o que está acontecendo. A nossa amiga Sara está de visita, preciso cuidar do meu filho e do cachorro e não estou preparada para uma viagem. “Vá daqui a alguns dias, prepare tudo com calma”, sugere Dennis, meu marido, tentando me tranquilizar. Mas uma voz interior manda que eu vá imediatamente! Mesmo assim, resolvo ligar para a clínica. Ina, a enfermeira que cuida de Monica, confirma: “O estado dela é preocupante. Há alguns dias vem recusando a alimentação e desde a manhã de hoje já não ingere mais líquido.”

Em outras palavras: Monica quer morrer. E é comigo que ela quer morrer. Monica é a minha madrastra. Durante muito tempo, tivemos uma relação complicada. Venha! A palavra continua ecoando dentro de mim como um som da confiança: Miriam, conto contigo, preciso de você, agora. Torno a ligar para ela. “Tudo

certo, Monica, eu vou. Viajo amanhã de manhã.” – “Quando é que você chega?” – “Pela hora do almoço”. – “A que horas, exatamente?” – “Sairei às nove e meia e chegarei à estação às onze. Dali, sigo de táxi até a clínica”, explico, para que ela saiba o trajeto que percorrerei até encontrá-la. “Chegarei às onze e vinte.” – “Está bem”, diz ela. Agora, ela já pode acertar o seu relógio interno. Escolho algumas roupas de frio e minha camisola. Pretendo pedir que coloquem uma cama extra no seu quarto e não a abandonarei mais neste processo. Estou preparada para um longo período de tempo. Guardo um fino volume de poemas na bolsa. “Quando é que você volta?” insiste a minha família. – “Não tenho ideia.” – “Você acha mesmo que Monica vai morrer?”, pergunta Dennis. “Sim, tenho certeza.”

Eu não sabia que Monica já entrara em estágio terminal desde o início da primavera. Depois, Ina contou: “Ela pedia que eu empurrasse a cadeira de rodas até a janela aberta. Ali, ficava horas olhando para o parque. Parecia feliz.”

Monica contemplava a primavera que desabrochava, o gramado verde, as prímulas amarelas. Alimentava a sua alma com flores. Desde o início da estação, eu mesma andava escutando a *Sonata Primavera* de Beethoven, que também me enchia de bem-estar.

No meio da noite, mergulho em um profundo

sentimento de confiança. Deitada na cama, tenho a sensação de estar pousando no ar que me carrega. Parece que estou sendo transportada para um mundo diferente.

No dia seguinte saio de casa, pronta para partir. Por cima dos morros, vislumbro de relance o amplo lago que cresce em direção ao céu no horizonte, lá longe.

Sentada no trem, atravesso a paisagem em flor, ouço a música de Beethoven ressoando em mim e vejo a primavera com uma energia radiante e desconhecida. Passo por uma luz dourada, pelo canal de parto da chegada. Que chegada? A chegada para a morte.

Nunca participei de nenhum falecimento até agora. Minha mãe morreu quando eu saía da infância. Meu pai me manteve longe dela. A única coisa que consegui ver dela foi uma urna lacrada. E meu pai, mais tarde, teve uma morte tão súbita que não cheguei a tempo para vê-lo.

Só houve uma vez na vida em que vi o rosto de um morto. Foi na capela da clínica pediátrica, no velório do filho da minha amiga, que morreu logo depois de nascer. Mas eu o senti muito distante, parecia um bonequinho de cera. Eu só conseguia perceber as coisas de fora, e isso me doía. Senti-me estranha. Como uma forasteira em um evento alheio.

Agora, com Monica, estou no meio do acontecimento, no ouro do sol matinal. Ao longo

do trajeto, as árvores frutíferas me saúdam com suas flores e seu brilho festivo.

Unísson

Conforme prometi, cheguei de táxi. Entro no prédio pontualmente às onze e vinte. Por achar que, a partir de agora, serei solicitada o tempo todo e que o quarto da clínica com suas janelas abertas deva estar gelado, paro no toalete e visto uma roupa quentinha e confortável, para poder deitar numa cama a seu lado, ficar junto dela. É o que eu pretendo pedir à direção da clínica, já que tudo poderá demorar vários dias e várias noites, imagino. Estou aberta para todas as possibilidades. Atravesso os corredores da clínica até o setor de gerontologia. Tenho uma obscura noção de que, ao final de tudo isso, serei outra pessoa quando voltar a passar por esses mesmos corredores.

No caminho, passo por uma sala de espera com uma máquina de café. Enquanto espero a minha xícara para me animar, relembro uma situação difícil.

Pouco depois do nascimento do meu filho, Monica me desferiu um duro golpe. Assim como agora, também recebi um telefonema inesperado. O aparelho tocou e eu atendi, apesar de alguma coisa em mim hesitar involuntariamente. “Verdade que você teve um bebê?”

perguntou a voz do outro lado. A voz de Monica, ligando para mim da mesma clínica psiquiátrica onde estava internada havia algum tempo. Fiquei pasma: “Sim”, disse, simplesmente. “Sei”, respondeu ela. Silêncio. Tentei me desvencilhar da surpresa, mas, antes disso, a voz disse com um tom ríspido: “Você nem sabe lidar com bebês, você é uma intelectual!” E a conversa terminou abruptamente. A voz ríspida me machucou. À época, com um bebê recém-nascido, eu estava especialmente suscetível. Seu veredito me atingiu em cheio numa época em que eu me esforçava tanto por acertar tudo!

Nosso rompimento foi como um corte. Deve ter sido doloroso também para Monica. Quantas feridas se abriram entre nós! Mesmo assim, acabamos unidas por um sentimento de grande afeto.

Largo a xícara vazia, prossigo e me aproximo do quarto 207. Nervosa e algo tímida, abro a porta. Monica está deitada, a enfermeira sentada a seu lado. Ela respira aliviada: “Ainda bem que a senhora chegou!”

Monica respira de maneira irregular – expiração longa, inspiração curta. O ritmo é *staccato*. Seus olhos estão fechados, voltados para dentro, já não me saúdam mais. “Ela já está morrendo!”, digo. “Quando começou o processo?” – “Agora mesmo, faz quinze minutos”, responde Ina. Quinze minutos! Conforme o combinado, no momento em que eu entrei na clínica. Em outras palavras: ela sentiu: ‘Miriam chegou. Posso começar a

morrer.’ E acertou seu relógio interior sem olhar para o relógio real. Nós nos aproximamos em um lugar imaginário. É onde acontece o nosso encontro, e ele obedece a tudo com precisão. A enfermeira Ina sai do quarto. “Me chame se precisar de alguma coisa”.

Agora estamos a sós. O sol brilha pela janela. Sento-me à tua esquerda ao lado da cama. Minha querida Monica! Estamos juntas nesta morte, neste canal de chegada. O que vai é que vai chegar? Nenhuma das duas sabe. É uma viagem rumo ao desconhecido. Viajarás para um pouco mais longe do que eu. Até onde poderei ir junto?

Tu expiras e expiras. Lembro-me do nascimento do meu filho. Foi assim que eu respirei na fase de expulsão, quando a cabeça passou pelo estreito canal de parto? O que é que passa pela estreiteza do teu “canal de parto”? O que estás expulsando? A tua alma? E o que acontece com nós duas, com o meu Eu, com o teu Tu?

Pego a tua mão, cantarolo, nem sei por quanto tempo, perdi qualquer noção do tempo. Tu expiras e expiras. Cantarolo. Sinto que te faz bem. Não abres os olhos, pelo menos não para fora. Olhas para dentro, bem para dentro. Me escutas? Acho que sim. Digo palavras encorajadoras: “Muito bem, estás indo muito bem!”

Não há dúvida sobre o que devo fazer - cantar, falar ou silenciar. Estou contigo nessa ação conjunta, e ajo. Quem age dentro de mim? Estaria morrendo um pouco também?

Sou a assistente do teu parto, a parteira da tua morte. Deito minha cabeça bem perto do teu coração e olho ao longo do teu corpo para a janela, para a primavera. Lá fora, a luz mudou, já está escurecendo um pouco. Sinto teus pés sob o cobertor. Como estarão? Devo segurá-los? Não, já descansam. Não querem mais ser chamados de volta para a vida. Imagino sentir como toda a tua energia sobe até o coração e se junta ali. Sinto a energia fluindo como um rio. Como água – a água da vida. Ergo-me brevemente e abano o ar por cima dos teus pés em direção ao coração. Tenho a sensação de que isto ajuda para que “as águas” fluam melhor, para cima. Chamo de “água” porque flui, mas a consistência é de ar. É uma espécie de energia fluida. Volto a sentar e deito a minha cabeça no teu coração. É uma sensação de intimidade estar assim perto de ti. Uma grande calma se esparrama por esse espaço de coração conjunto.

Lembro-me de nós duas. Entraste nas nossas vidas mais tarde. Casaste com papai depois da morte de mamãe. Na época, minha irmã Rosa e eu recebemos um postal teu com a imagem de dois coelhinhos. “Quero presentear-las com amor”, escreveste ali. Não foi tão fácil assim. Não éramos bichinhos, e sim duas crianças abandonadas por mamãe. E tu eras a madrasta. Atravessamos muitos momentos difíceis, tu e eu: dor - ciúmes, traição e muito mais. E agora eu, tua enteada, estou a teu lado, acompanhando-te na morte. Tu te

entregaste a mim. Algo se cumpre.

Visitei-te muitas vezes nesta clínica. Tentei te ajudar na tua doença, o que se revelou difícil. Segundo os conceitos dos médicos especialistas, eras psicótica e deprimida. E raivosa. Batias nos outros pacientes, vituperavas contra todos, inclusive contra mim.

“Queres que te conte algo?”, perguntei certa vez durante uma visita. “Sim, conte!” Assim, comecei a minha história: “Sonhei contigo. Eras uma bela mulher com um rosto radiante, mas estavas sozinha num deserto. A teu lado havia dois sapatinhos de criança. Acho que já então havias sido enviada para um deserto. Ficaste solitária e foi quando começou o teu luto. Mas ainda és a bela mulher que sempre foste. E mesmo quando tens ataques de fúria e és feia na tua doença percebo que é apenas uma máscara. Não importa como és comigo, Monica, sempre falo com a mulher com o rosto radiante por trás da máscara...”

Tu escutavas, atenta. “Você é a pessoa que mais amo”, dizias, “só você me entende. E confia em mim.” Foi assim que me ligaste ontem, quando tua alma já chamou a morte. Simplesmente, disseste: “Venha!” E eu vim.

Por que lembro este diálogo logo agora? Era o que mais importava entre nós? E de que tu te lembras? Não sei quanto tempo ficamos deitadas assim, uma ao lado

da outra. Às vezes, ainda cantarolo para ti. Tua respiração está mais tranquila. Ainda a percebo de fato?

É quando noto o reflexo de uma luz alaranjada. Ele é muito forte e me faz supor imediatamente que alguém entrou despercebido e ligou uma luminária com um abajur cor de laranja. Sento-me, olho à minha volta. Nenhuma luminária à vista. Mas vejo uma luz alaranjada em volta da tua cabeça e sobre ela. Estarei enxergando direito? Fecho os olhos e torno a abri-los, não confio na minha visão. Sim, de fato, percebo uma luz em volta da tua cabeça. É bonita, é linda!

Levanto e encosto meu ouvido na tua boca. Ainda escuto alguma coisa? A luz me chamou? Concentro-me em escutar, profundamente emocionada, escuto a tua última respiração. Expiras e expiras. Olho para ti longamente. Teu rosto exala paz, um som de paz.

Uma olhada para o jardim, prímulas amarelas. Uma melodia ressoa. Vem de dentro. Mais uma vez, a *Sonata Primavera* de Beethoven espalha leveza e alegria. Não sei quanto tempo fico sentada assim, escutando. Estás ouvindo, querida Monica? Continuo sentada, imóvel. Uma profunda calma dentro de mim, dentro de ti. A luz alaranjada em torno da tua cabeça com sua fonte luminosa invisível esmaeceu. Agora, uma atmosfera suave, cor de mel me saúda no quarto inteiro.

A porta se abre, entra um jovem médico. Aproxima-se da tua cama pelo outro lado e constata, admirado: “Mas

a senhora Graf já morreu. Por que não me chamaram? Já nem respira mais, está clinicamente morta.” E registra o horário em uma tabela.

“Por favor, me deixe com ela só mais um pouco”, digo. E rapidamente penso em uma justificativa, ainda que não seja muito procedente: “Sou simpatizante do budismo tibetano e quero praticar a despedida conforme esta doutrina. Talvez saiba que os tibetanos acompanham seus mortos e falam com a sua alma. É o que eu desejo fazer”. O médico é respeitoso: “De quanto tempo precisa?” – “O máximo possível.” – “Mas quanto?” – “Qual é o máximo que pode me conceder?” Depois de uma pausa para pensar, o médico diz: “Os demais ocupantes deste quarto podem ficar no salão até se preparar para dormir, ou seja, até as sete da noite.” Sinto-me aliviada. Ele sai para informar os colegas do lado de fora.

Só depois, ao conversar com Ina, dou-me conta de que existem várias maneiras diferentes de morrer. Ela me contou que os demais pacientes do setor de gerontologia ficaram no salão, comentando, surpresos: então a senhora Graf já morreu! E como morreu calma, tão pacífica! Logo ela, que sempre teve acessos de raiva, até batia em todos. Lembram-se? Chegava a ser má conosco. E agora Deus a chamou em paz. Mal dá para acreditar!

Enquanto, lá fora, somos o assunto do dia, voltamos

ao nosso silêncio. Ganhamos tempo, nós duas. Estamos juntas na amplidão da chegada. “Clinicamente morta”, disse o médico. Olho para ti: será mesmo que não respiras mais? Estás tão calma. Tudo em volta de ti está calmo. Não se escuta mais nada. Assim mesmo, tenho a sensação de que alguém ainda respira. É como se continuasses a respirar em outro lugar. Permaneço quieta, muito quieta. E volto a escutar aquele som de paz.

Meu olhar mergulha em ti. Exalas um perfume infinitamente doce. Eu o sinto, o inspiro. Na sua doçura, escuto uma saudação: ‘Olá, estou aqui, continuo aqui’. Monica fala comigo através da doçura do perfume, ela fala! O perfume flui na minha direção e me envolve. Lágrimas caem dos meus olhos: “Te amo tanto.” Falo contigo, emocionada.

Agora me dou conta de que *escutas*: há em volta dos teus ouvidos um movimento receptor, como se absorvesses as palavras, bebendo-as como a água da vida. E no quarto continua aquela atmosfera clara, cor de mel. Ela me saúda com suavidade, bondade, sabedoria. Todos os meus canais sensoriais estão abertos. Escuto o som, sinto o perfume, vejo a aura luminosa e percebo como sou envolvida por ti com tudo isso. E devolvo, tocando-te com o meu amor. Estamos envolvidas em um abraço profundo.

Alguém bate à porta. Não me mexo. Ela se

entrebre. É Ina que olha de esguelha, com três buques de rosas na mão – rosas brancas, amarelas, cor de rosa. Como se tivesse vindo para nos felicitar. Aproxima-se, emocionada. “Como está plácida! Comprei as rosas na hora do almoço no supermercado, sabia que ela iria morrer.” Ela dirige-se a ti, comovida: “Querida senhora Graf”. E coloca as rosas num vaso do lado da cama. É o seu presente de despedida. Seu último serviço amoroso?

Não, ainda não. Ina começa a me dar instruções: “Precisamos tirá-la da cama e pôr na maca. É a regra aqui. Pode me ajudar? A maca está ali no corredor, na frente da porta.” Nós a puxamos para dentro e a colocamos ao lado da cama. Ina levanta o lençol com cuidado, e diz, desculpando-se: “Perdão, senhora Graf”. Fala com carinho. Examina se a cama está urinada. “Está tudo sequinho”, diz, como se estivesse falando com uma criança, cheia de respeito. “Agora, precisamos virá-la de lado e colocá-la na maca.”

Ela veste luvas de plástico e me estende um par. Mas hesita. “Não, deixemos disso. Não deveria tocá-la sem luvas, segundo o regulamento, mas isso agora parece tão artificial.” Ela tira as luvas. “Desculpa, senhora Graf.” Com suas mãos quentes e macias, começa a te virar com cuidado. Eu ajudo, respeitosa, pois não queremos perturbar a tua grande paz que exala solenidade. Nossos movimentos são sincronizados, como se soubéssemos por instinto o que precisa ser feito. As duas sabem: não há muito o que errar.

Estás deitada de lado, como um embrião. Pequena e delicada. Juntas, te colocamos na maca, de costas. Como é estreito este lugar! A cama parece um ninho amplo que deixaste para sempre. Estás na maca, na camisola branca da clínica. “Como está bela”, diz Ina. Nós te cobrimos com um lençol branco até os ombros, com cuidado – Ina pelo lado esquerda e eu, pelo direito. “Um anjo à direita, outro à esquerda”, digo, contente. “E outro em cima e mais um em baixo”, acrescenta Ina. Rimos, inspiradas pelo ambiente leve e alegre que se instalou naquele quarto.

“Eu deveria amarrar o queixo dela”, diz Ina, apontando para a fita branca destinada àquela finalidade. “É o que fazemos sempre, mas hoje isso me repugna.” – “Para que serve?”, pergunto. “Para que a boca se mantenha fechada quando começar a rigidez cadavérica. Depois, vai ser impossível fechá-la.” – “Mas ela parece tão descontraída de boca aberta, tão natural, ela expirou no final!” – “Está bem, se preferir, podemos deixar assim, embora seja contra as regras da clínica no trato com os mortos.” – “Deixemos, então”, digo, “o seu rosto não iria parecer natural”. Aliviada, Ina deixa a fita de lado. Nós duas seguimos nossa percepção instintiva e a lei do respeito. Isso gera um ritual próprio. Será que já nos encontramos antes, Ina e eu? Acho que não. Só nos conhecíamos através do que Monica contava. Mas agora, juntas nos acontecimentos, agimos como se desde sempre tivéssemos treinado para

isso.

Ina olha para as rosas e para o teu rosto. Tira uma e a coloca nos teus cabelos. A próxima. Uma depois da outra, amarelo, branco, rosa, rosa branco amarelo, em volta do teu rosto. Espalha as demais pelo lençol branco que cobre o teu corpo. Dentro de mim, ouço a canção de ninar que mamãe cantava para mim para me fazer dormir:

*Boa noite, boa noite,
Coberta com rosas,
Presas com cravinhos,
Serás despertada novamente...
Deslize por baixo da coberta!*

Cantarolo baixinho. Depois, Ina e eu, mergulhadas em devoção, contemplamos o teu rosto com as flores. As rosas recendem. E permanecemos assim durante muito tempo.

Até a porta se abrir e alguém acenar. Ina sai correndo. Sussurros. Ela volta. Mal ousa quebrar o silêncio. As primeiras palavras são quase dolorosas, ela tenta falar com cuidado: “Chegou a hora. Daqui a quinze minutos, os outros ocupantes do quarto estarão de volta.” E agora? Continuamos em silêncio. Como continuar o nosso ritual? Eu rompo o silêncio. “Para onde ela vai agora?” “Há um espaço no porão”, diz Ina, hesitante. “Um porão sem janelas, ladrilhado de branco?”, pergunto. Ina diz que sim. Repugna-me a

ideia de deixar-te sozinha ali. “Não existe outra opção?” Ina pensa em voz alta. “Já é tarde, a funerária não virá mais hoje, só amanhã de manhã.” - - “Tem certeza de que não há outro lugar além do porão para ela ficar até amanhã?”, insisto. “Tem uma casinha no meio do parque”, diz Ina, hesitante, como se estivesse surpresa com a sua própria ideia. “Ali só ficam algumas máquinas. E o jardineiro já foi embora. Lá ela pode ficar tranquilamente.” Subentende-se que isso contraria o regulamento da clínica. Mas as duas sabemos: isso obedece aos nossos próprios mandamentos. É para lá que te levaremos, para o teu último descanso noturno, em meio à natureza.

Pensando em todas as providências práticas, eu ainda pergunto: “E amanhã, como vai ser? O que me aconselha?” - - “Recomendo uma funerária conhecida, que pertence a um casal. Deixarei o endereço na recepção. Pode ligar para eles. Eles vão lavar e vestir Monica respeitosamente, seguindo suas determinações. Em seguida, ela será levada à capela do cemitério, onde ficará até a cremação. Talvez alguns familiares ainda queiram vê-la, e assim poderão se despedir dela na capela.” Por falta de alternativa, eu concordo com a proposta.

Imagino o que vai acontecer em seguida. Dentro em breve organizaremos um encontro com amigos e parentes em tua memória. Lembraremos de ti, juntos,

homenageando a tua vida. Neste momento, sinto que nada disso será importante para mim, que tudo faz parte de algo exterior. A verdadeira despedida acontece aqui mesmo, entre nós duas, em uma sintonia única que comoverá a minha alma a vida toda.

Novamente uma porta se abre e alguém insiste: “Passou a hora de deixar os pacientes voltarem para o quarto”. A porta fica aberta. Ina puxa o lençol para cobrir o teu rosto. Lanço um último olhar para dentro do quarto – a cama vazia com o lençol dobrado, a tua pequena mesa de cabeceira com o vaso de flores vazio, a gaveta com teus pertences está com uma chave. “Vou arrumar tudo e lhe entregar”, diz Ina, agora apressada, olhando para a porta. Como que guiadas por uma mão invisível, pegamos a maca, Ina à esquerda, eu à direita. Nós te empurramos quarto afora, atravessando pelo corredor do setor, onde olhos curiosos nos acompanham, seguindo pelos corredores do hospital, até o jardim.

Coberta assim, pareces mesmo morta, e eu luto com as lágrimas. Ina guia a maca com rodas pelos caminhos sinuosos do parque. Ela conhece o destino, está com pressa. Estamos ofegantes. Não tenho tempo de saudar as flores da primavera no caminho, nem as árvores altas. No caminho, cruzamos com outras pessoas que olham, admiradas, para o carrinho coberto com o pano branco, por baixo do qual se adivinham os contornos de uma pessoa. “Mas que falta de respeito”, diz um deles,

furioso. “Agora já carregam os mortos no parque em plena luz do dia. Enlouqueceram de vez?” Continuamos a andar, mudas, passo acelerado. Sabemos que rompemos um tabu, pois os mortos devem ser afastados o mais rápido possível do alcance da visão dos vivos. E aqui vamos nós, passando apressadas com uma morta, atravessando a primavera. Sou tomada por um sentimento de absurdo, e se não temesse que nossa missão possa fracassar neste espaço público, à vista de todos, seria até mesmo capaz de rir um pouco.

À distância, avisto um galpão de madeira. Certeira, Ina pilota nosso veículo em sua direção. A velha porta de madeira está emperrada. Uma olhada rápida para trás para ver se alguém nos segue. Ninguém à vista. Abro a porta com um solavanco, ela cede com um gemido e nós entramos com nossa carga preciosa naquele abrigo de madeira, fechando a porta atrás de nós. Conseguimos! Missão cumprida! Respiramos aliviadas. Olhamos à volta. O galpão não parece estar em uso. Teias de aranha pendem das vigas de madeira, algumas ferramentas velhas de jardinagem encostadas na parede, todos com puxador de madeira - ancinhos, pás, uma foice.

O canto noturno de um melro ecoa pelo recinto. Uma janela está aberta no alto, à direita, bem aberta. Uma janelinha para tua alma, penso. Lembro-me da nossa antiga casa de fazenda que tinha duas aberturas quadradas sob a cumeeira, uma à esquerda e outra à

direita. “São as janelinhas para a alma”, explicou-me Alice, mulher do fazendeiro. “Antigamente, toda casa tinha duas abertas assim, para que as almas dos mortos que eram velados em casa pudessem voar rumo à liberdade”. Não poderia haver lugar mais adequado para o teu último descanso noturno. Enquanto divago, Ina pega com carinho um lado do lençol que estava sobre o teu rosto e o dobra cuidadosamente sobre o teu peito. Teu rosto está novamente livre, adornado com rosinhas. Como estás bela! Pareces transfigurada. Ina e eu mergulhamos nesta imagem, até ela tocar nos meus ombros: “Desculpa, preciso sair, tenho plantão no dormitório. Nos veremos depois. Ao sair, avise na recepção, funciona 24 horas por dia”.

Enquanto ela se afasta, eu a observo e sou tomada por um misto de gratidão e espanto. Antes deste evento, Ina e eu éramos duas estranhas. No entanto, acabamos nos encontramos na harmonia!

Volto a ficar a sós contigo, ao lado da cama. Como foi intensa a viagem que fizemos juntas! O sentimento de devoção enche o quarto. Por dentro e por fora. Um espaço interior envolve o espaço exterior. Um espaço em um ambiente que nos envolve conjuntamente. Que nos protege. Este será o nosso ponto de encontro, o lugar dos encontros futuros. “Novo encontro agendado”, digo, sorrindo. “Local conhecido, horário ainda indefinido”. E tu sorris com um sorriso de beatitude. O melro recomeça o seu canto, concordando conosco,

enlevando-nos com a sua melodia. Olho para teu rosto, para as rosas. Elas exalam um perfume celeste.

Agora já posso partir. Dou uma última olhada no recinto, em ti, teu rosto. Meu último olhar, um olhar de despedida. Apesar de tudo, é saudoso, uma dor repleta de saudades, do desejo de voltar a te ver assim, da dor de jamais voltar a te ver assim.

Preciso me separar de ti. É difícil. De costas, abro a porta, passo, me viro e fecho a porta.

Volto caminhando. Já não posso te acompanhar mais nessa viagem. Fico aqui. Sentindo-me deixada para trás, rumo em direção à recepção da clínica. Estarei triste por ter ficado para trás? Não. À minha espera estão meus familiares, meu filho, meu marido, a cadela Patty Gold. Quem sabe, minha amiga Sara ficou na minha casa. Assim vou navegando em direção ao meu destino, na minha trajetória terrena, tendo a luz dessa vivência como guia.

Sobre a autora

Silvia Boadella, nasceu em 1948, cresceu na Basileia, estudou Filosofia, Letras Germânicas, Psicologia e História da Arte. Doutorou-se na Universidade de Tübingen com uma tese sobre a estética de Theodor W. Adorno.

Professora visitante durante quatro anos na Universidade Kanazawa no Japão, período durante o qual se aprofundou no zen-budismo, praticou dança Buto com Kazuo Ohno e realizou projetos performáticos próprios. Passou uma temporada na Índia e trabalhou no Instituto Goethe de Nova Délhi.

Silvia Boadella se formou em Psicoterapia Somática e trabalhou durante muitos anos em clínica psicoterápica. A partir de 1986, com seu marido David Boadella, desenvolveu a Biossíntese, método psicoterápico hoje bastante disseminado. Dirige o Instituto Internacional de Biossíntese na Suíça e é coeditora da revista *Energie & Charakter*. Participa de congressos e simpósios internacionais. Publicou diversos artigos e o livro *Erinnerung als Veränderung (Mäander)*. *A pele que carrega* é seu primeiro romance.

www.biosynthesis.org www.silviaboadella.com

Conteúdo

1 O chamamento

Prenúncio

Uníssonos

Reverberação

Viagem noturna

Volta para casa

Allegro

Perfume

Esquecer e lembrar

Luz

O som da paz

O som que se repete

2 Uma chegada

Passem!

Ponto de encontro

O chamamento da amada

A batida das contrações

Dores
Abre-te!
Acordados
Ordens
Canal do parto
Força!
Excitação

Cheguem!

Colunas de músculos
Coroação
Espanto
Alquimia
Primeiro banho
Discurso
Felicidade
Comemorar

Bem-vindo!

A primeira noite
No Himalaia do parto
No silêncio do aleitamento
A gôndola com o cabo prateado
Metamorfoses no inverno
O acidente
Surge Patty Gold

A primavera ressoa
Alegria de verão
Desprendimento no outono

3 Despedida e recomeço

Dedicação

Envelhecer
Sentido e insensatez
Batida cardíaca
Portas abertas e fechadas
Inocência
O fim começa

Transmissão

Neve à mesa
Criando ordem
O passeio
O silêncio da noite
Encontrada morta
Velório
Três pedras
Na maca
Vazio
Lamentos
Nasce o sol Perda

Linhas de prazer com a vida

Renúncia

Fôlego animal

Chamas

Aparições

Caminho do céu e canal da Terra

Dissipando-se

Sinais Cinzas

Reflexo de fogo e púrpura

Homenagem

Ao vento

Para o mundo

Tu és!

Tu és?

Fluxo

Nas águas da vida

Eu sou?

Eu sou!

Centro

Universo

Diálogo

Carregada